

DA PAISAGEM DO MEDO À PAISAGEM DO DESESPERO: O QUE MARCA A EXPERIÊNCIA DE MUNDO APÓS UMA CATÁSTROFE?

NÚBIA STEFFÂNEA ALVES LEMOS ¹, REGINALDO JOSÉ DE SOUZA ²

1 Introdução

O propósito do presente trabalho realizado é examinar, partindo dos traumas psíquicos e paisagísticos, um desastre ocorrido no município brasileiro de Brumadinho, situado no estado de Minas Gerais. No dia 25 de janeiro de 2019, a represa de rejeitos de minério de ferro pertencente à empresa Vale se rompeu causando uma desconfiguração da paisagem e perda de vidas humanas.

Ao decorrer de toda a pesquisa apresenta-se uma possibilidade de análise. O enfoque é direcionado para a compreensão dos efeitos de uma tragédia na vida das pessoas afetadas, partindo do pressuposto de que a paisagem representa uma categoria crucial, não apenas no discurso geográfico, mas também na experiência humana.

Desta forma, a pesquisa buscou discutir a tragédia de Brumadinho como algo que modifica, em alguma medida, a concepção da categoria paisagem no campo científico. Geralmente, os estudos de transformações espaciais, pautados em metodologias que se apoiam na paisagem, consideram análises de imagens orbitais, sequências fotográficas de períodos mais longos de tempo, enfim, séries documentais que permitam comparar passado e presente para o desenvolvimento de estudos sobre análise ambiental e transformações culturais.

Porém, quando se trata de eventos muito rápidos, como foi o rompimento daquela barragem de rejeitos de minério de ferro, a transformação da paisagem é aterradora e tudo ocorre em questão de minutos.

2 Objetivos

O objetivo da pesquisa foi produzir reflexões teóricas a respeito de uma tragédia ocorrida no município brasileiro de Brumadinho, estado de Minas Gerais. As teorizações foram no sentido de apresentar a paisagem como dimensão da existência, algo que permite

1Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo, UFFS, *campus Erechim*, contato: nubia.lemos@estudante.uffs.edu.br

2 Docente do curso de Geografia, UFFS, *campus Erechim*, contato: reginaldo.souza@uffs.edu.br

pensar em sua importância no processo de julgamento estético do mundo por cada ser humano. A partir disso, buscou-se problematizar a paisagem do medo (proposta do geógrafo Yi-Fu Tuan), em função da presença/convivência das pessoas com empreendimentos de alto risco, como o caso das barragens de rejeitos de minério e, posteriormente, propor a paisagem do desespero como a infeliz concretização da paisagem do medo, ou seja, a transformação do risco de uma tragédia em impacto efetivamente ocorrido.

3 Metodologia

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi a análise bibliográfica e documental, por meio das produções científicas relacionadas ao assunto, assim como, registros visuais com relatos das vítimas afetadas pela tragédia, todos apresentados em documentários disponíveis na plataforma YouTube.

Basicamente, as referências de maior peso para a realização do trabalho foram Søren Kierkegaard (1849), Yi-Fu Tuan (2005/1979) e Ulrich Beck (1998/1986). Considerou-se que as teorizações, a partir destes autores, permitiriam aprofundamentos acerca dos temas principais da pesquisa: o desespero humano, a paisagem do medo e a sociedade dos riscos, temas estes que intitulam as obras dos autores.

O documentário usado como base para coleta de relatos e informações sobre a situação das vítimas de Brumadinho foi “Vidas Barradas”, direção de Cid Faria. Por apresentar diversas vozes de pessoas que relatam como foi vivenciar a tragédia dada pelo rompimento da barragem, a perda de pessoas da família e dos círculos de amizade.

4 Resultados e Discussão

Desta pesquisa, resultaram as seguintes teorizações:

- a) Sobre o desespero: com a leitura de Kierkegaard (2004/1849) é permitido pensar que o desespero é um sentimento particular do ser humano. O desespero é que, na perspectiva do autor, seria um elemento de diferenciação entre o ser humano e outros animais da natureza. Desesperar-se seria tomar consciência dos próprios medos, inclusive o medo da finitude da existência. “Em toda vida humana que se julga já infinita, e o quer ser, cada instante é desespero” (2004, p. 23).
- b) Sobre a paisagem do medo: muito embora o conceito de paisagem esteja relacionado com a contemplação prazerosa do mundo, Tuan (2005/1979) faz pensar nos me-

dos que a paisagem pode causar na mente humana. Desde ambientes urbanos degradados, violentos até grandiosos fenômenos naturais que vulnerabilizam o ser humano, enfim, todos se mostram em paisagens que não respondem à expectativa de gozo estético prazeroso. No caso de Brumadinho, a paisagem do medo parecia já ser um dado para os moradores desde antes do rompimento da barragem.

- c) Sobre os riscos: Beck (1998/1986) menciona que uma nova modernidade surge com uma sociedade pautada na distribuição de riscos, inclusive devido ao aumento da tecnologia em nossas vidas. Para o autor, a sociedade do risco é democrática, pois, os mais diferentes riscos fragilizam a vida das pessoas independentemente de sua classe social. Porém, a essa mesma sociedade de riscos ainda existem os determinantes hierárquicos da sociedade econômica. Então, no mundo das desigualdades socioeconômicas, os riscos acabam sendo mais fatores de acentuação das desigualdades.

Assim, por meio dessas três entradas teóricas, foi possível pensar que a tragédia de Brumadinho se configurou em uma situação exemplar de uma nova categoria de paisagem: a do desespero. A paisagem do desespero pode ser considerada como aquela em que não há mais medo de que algo ruim aconteça, pois, a possibilidade se realizou. O medo da finitude, portanto, deu lugar à desesperança para as vítimas que continuaram vivas após perderem familiares e amigos, pois, sabe-se que quaisquer tentativas de reparação e de indenização não serão capazes de reverter a dor de quem ficou. Por outro lado, é preciso continuar defendendo, sim, a reparação, a indenização e que se apliquem as leis sobre os responsáveis.

A sociedade econômica hierárquica não deve ter as desigualdades acentuadas pela sociedade dos riscos, pois, enquanto o mundo estiver orientado por uma lógica de uso predatório de recursos, que suplanta o valor da vida humana, os cuidados e o bem estar para todas as pessoas, então, o particular desespero gerado por situações desta natureza continuará assombrando a vida de muitas pessoas em situação de vulnerabilidade.

Em um dos depoimentos observados no documentário citado, uma moradora relatou o caso de seu filho de quatro anos que não suportava a ideia de ter que passar por cima de uma ponte no município, pois, os fragmentos do corpo de seu avô foram encontrados nas proximidades (Documentário Vidas Barradas, 2020. Depoimento de Juliana Cardoso, moradora do distrito de Córrego do Feijão).

Como foco principal das discussões, as vidas humanas devem estar acima da produção econômica em quaisquer tempos e situações. Então, a defesa final da pesquisa é a seguinte: que tenhamos a possibilidade de viver em um mundo sem paisagens do desespero. Que esta categoria (paisagem), qualificada desta forma, não seja algo a se tornar corriqueiro nas vidas das pessoas. Mas, para isso, é preciso lutar pela transformação profunda das lógicas que ainda produzem as desigualdades socioeconômicas que enfrentamos.

5 Conclusão

O ocorrido em Brumadinho é um capítulo sombrio que ficará para sempre registrado na alma dessa região, um lembrete triste de como a ganância pode cegar os olhos da humanidade para a preciosidade das vidas e da natureza. Entretanto, mesmo diante da impossibilidade de reverter o que foi feito, estudos e pesquisas como as desenvolvidas no presente projeto, conferem voz a essas vozes silenciadas pela tragédia.

Nesse empenho, reside a esperança de aprender, crescer e prevenir que futuros horrores se repitam. Ao adentrar nas complexas teias das questões psicológicas e paisagísticas que foram feridas por essa tragédia, fica claro que não se pode, e não se deve, simplesmente relegar esses eventos ao esquecimento. É uma responsabilidade coletiva honrar as vidas perdidas e as lições dolorosas, para que elas ressoem como um chamado à conscientização e à mudança, permeando as ações no presente e no futuro.

Para finalizar, menciona-se que, após toda a pesquisa realizada, o trabalho também foi submetido ao VI Congresso Internacional de Riscos, ocorrido na Universidade de Coimbra, em Portugal (maio de 2023). Para aquele evento, a equipe do projeto submeteu o artigo intitulado "Quando caem os astros: riscos, catástrofes e paisagens de desespero", além de compor o caderno de resumos, o trabalho está em processo de provas finais para integrar uma coletânea internacional "Contributos da sociedade para a redução dos riscos em populações vulneráveis", a ser publicada pela Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança ainda no presente ano.

Referências Bibliográficas

Beck, U. (1998). *La sociedad del riesgo*. Hacia una nueva modernidad. Barcelona: Paidós.

Bosa, E. (2021). *Paisagens da desolação: uma análise sobre a catástrofe socionatural de Brumadinho-MG/2019*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Fronteira Sul: Chapecó/SC e Erechim/RS.

Kierkegaard, S. (1849/2004). *O desespero humano*. São Paulo: Martin Claret.

LAMA o crime vale no Brasil - A tragédia de Brumadinho. [S.I]: Carlos Pronzato e Richardson Pontone, 2019. (77 min.), P&B. Disponível em: <https://youtu.be/Sok8jGWpPIY>.

SOUZA, R.; BOSA, E.; LEMOS, N. (No prelo) Quando caem os astros: riscos, catástrofes e paisagens do desespero. CASTRO, F. (org.) *Contributos da sociedade para a redução dos riscos em populações vulneráveis*. Coimbra: Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Catástrofes.

Tuan, Y. (2005). *Paisagens do medo*. São Paulo: Editora Unesp.

VIDAS Barradas. Direção de Cid Faria. [S.I]: Clara Digital, 2020. (79 min). P&B. Disponível em: <https://youtu.be/XUBwyUJfj-U>.

Palavras-chave: Mineração; Mundo vivido; Percepção ambiental; Riscos.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2022-0433

Financiamento: UFFS.